

“científico”, mas “metafísico”⁵⁸. Para que se torne um programa científico de pesquisa é necessário estabelecer de antemão critérios de refutação, determinar que tipo de respostas clínicas refutariam não somente um diagnóstico analítico particular, mas a própria psicanálise⁵⁹. Há, porém, todo um conjunto de conceitos psicanalíticos, como por exemplo o de ‘ambivalência’, que tornam difícil, se não impossível tornar a psicanálise refutável⁶⁰.

III. Validade e limites das críticas e da proposta epistemológica de Popper

1. Os aspectos positivos

Apesar das críticas à psicanálise, acima mencionadas, e do seu protesto contra certos exageros da irracionalidade do homem e da sociedade que é possível encontrar numa vulgarização da psicanálise⁶¹, Popper reconhece que existem alguns pontos da psicanálise que vem coincidir com o racionalismo crítico. Existe, por exemplo, uma concordância entre a explicação fornecida por Popper do fenômeno do pensamento dogmático e o que afirma a psicanálise a respeito dos neuróticos⁶².

Às vezes recorre ao jargão psicanalítico para interpretar certas crenças, como, por exemplo quando afirma

⁵⁸ Cfr. N.52 do cap. 11 de *CR*, p.334.

⁵⁹ Cfr. Nota 3 do cap. 1 de *CR*, p.62-63.

⁶⁰ Cfr. Nota 3 do cap. 1 de *CR*, p.62-63.

⁶¹ *CR*, p.428.

⁶² “Os psicanalistas afirmam que os neuróticos e outras pessoas interpretam o mundo de acordo com um esquema pessoal fixo que não abandonam facilmente e que, freqüentemente, remonta à primeira infância”. *CR*, p.76.

que “não é necessário acreditar no caráter “científico” da psicanálise... para diagnosticar que o fervor anti-metafísico do positivismo é uma forma de assassinado do pai”⁶³.

Seu racionalismo crítico não é necessariamente incompatível com a psicanálise. Está convencido, por exemplo, da existência do mundo do inconsciente e até acredita que as análises dos sonhos de Freud são fundamentalmente corretas⁶⁴.

O que mais o incomoda é a postura do fundador da psicanálise e mais ainda de seus seguidores com relação às críticas que podem ser dirigidas às teorias psicanalíticas. “Estou realmente convencido - ele escreve - de que Freud poderia ter melhorado largamente a sua teoria [dos sonhos] se tivesse tido uma atitude diferente perante a crítica... E no entanto, não há dúvida de que Freud era menos dogmático do que a maior parte dos seus discípulos, que se inclinaram para fazer da nova teoria uma religião, uma religião completa com mártires, heréticos e cismas e que viram em cada crítico um inimigo...”⁶⁵.

Para evitar mal-entendidos, portanto, quando Popper afirma que a psicanálise é um programa metafísico de pesquisa, é preciso lembrar que ele não é antimetafísico, ao contrário, além de acreditar em problemas de natureza filosófica, pensa que nosso saber avança do mito e da filosofia para ciência⁶⁶. Uma teoria metafísica, portanto, não implica que ela não tenha importância e sentido. Seu critério da refutabilidade não é um julgamento de valor sobre o sentido ou a verdade de uma teoria, mas a tentativa de colocar uma demarcação, uma linha divisória - na medida

⁶³ n.52 do cap. 11 de *CR*, p.334.

⁶⁴ POPPER, K. Um caso de verificacionismo. O.c., p.182.

⁶⁵ POPPER, K. Um caso de verificacionismo. O.c., p.185.

⁶⁶ *CR*, p.63.

do possível - entre um conjunto de enunciados que possam ser refutáveis empiricamente ou pelo menos falseáveis de um ponto de vista lógico e outro que a ele ainda se furta.

Popper, portanto, não emite um julgamento de valor sobre as teorias psicanalíticas, apenas questiona suas pretensões à cientificidade quando não preenchem o critério de refutabilidade, o que não implica que isso um dia não possa vir a ocorrer.

A crença na positividade da metafísica, associada à necessidade de traduzi-la numa linguagem que permita uma sua eventual refutação são duas posturas que podem beneficiar tanto a metapsicologia, ou as metapsicologias psicanalíticas, quanto suas práticas clínicas. Os psicanalistas não precisam olhar para a filosofia como se esta lhe fosse estranha e extrínseca. Sua terra natal é a filosofia. Não terão receio de elaborar teorias ousadas, como, por exemplo, Freud fez com a 'mitopsicologia das pulsões'. Ao mesmo tempo estarão sempre disposto a abandoná-la na medida em que forem capazes de traduzir suas teorias numa linguagem que permita à experiência clínica poder dizer a última palavra. Não evidentemente sobre sua verdade, mas sobre sua inadequação com os fatos diante de outras conjecturas mais plausíveis e abrangentes. Existe muita proximidade entre a primazia da clínica reivindicada em psicanálise e o método crítico proposto por Popper.

Em síntese, sua proposta metodológica pode ser representada no seguinte esquema por ele mesmo freqüentemente utilizado:

$$P1 \Rightarrow TT \Rightarrow EE \Rightarrow P2,$$

onde P1 representa um Problema inicial ; TT são as Teorias Tentativas, hipotéticas e conjecturais de solucioná-lo; EE representa o momento da comparação e discussão crítica para a Eliminação do Erro; P2 significa que a ciência do

momento é a que mais resiste à falseabilidade e à refutabilidade, mas ela permanece conjectural, porque o saber científico é um processo que se renova, dando origem a novos Problemas.

Popper gostava de resumir esse esquema dizendo que "*a ciência começa com problemas e termina com problemas*"⁶⁷. Na realidade esta afirmação é matizada por outras. É possível partir de qualquer ponto do modelo, mas habitualmente o desenvolvimento teórico principia a partir de um problema prático⁶⁸.

A conclusão a que chega é que "os problemas, inclusive os problemas práticos, são sempre teóricos. As teorias, de outro lado, só podem ser entendidas como tentativas de solução de problemas e em relação com as situações-problema"⁶⁹.

Nesse sentido, a epistemologia popperiana parece, sem dúvida, mais adequada do que a epistemologia clássica, reducionista, verificacionista e fundacionista que encontrou no Círculo de Viena sua elaboração mais sofisticada, para criar um clima de respeito e cooperação mútua entre os próprios psicanalistas e entre esses e os filósofos.

A contribuição que me parece fundamental reside no alerta e no apelo que dirige aos intelectuais: é preciso assumir suas responsabilidades específicas e optar pela postura científica ou racional que mais se coaduna com a

⁶⁷ AI, p.141.

⁶⁸ Resta o problema de determinar se vem antes o problema ou a teoria. Há problemas, responde Popper, que nascem com as teorias ("as primeiras teorias - isto é, as primeiras soluções exploratórias para os problemas - e os primeiros problemas devem, de alguma forma, ter surgido ao mesmo tempo" AI, p. 141); há problemas que surgem das teorias e teorias que são tentativas de solucionar certos problemas.

⁶⁹ AI, p.143.

busca da verdade e da democracia. De uma maneira bastante incisiva denuncia a responsabilidade dos intelectuais pelos terríveis danos que há milênios vem causando à humanidade. “Os massacres em nome de uma idéia, de uma doutrina, de uma teoria, - ele nos diz - são obra nossa, são uma invenção nossa, uma invenção de intelectuais. Bastaria que deixássemos de atirar os homens uns contra os outros - às vezes com as melhores das intenções - e já seria muito”⁷⁰.

É verdade que se pode questionar essa afirmação de Popper, especialmente quando se considera que filósofos e psicanalistas foram, talvez, mais vítimas do que cúmplices das violências praticadas no decorrer da História. Mesmo assim é inegável que “na idéia de ortodoxia e de heresia estão dissimulados os vícios mais mesquinhos. Os vícios ante os quais os intelectuais sucumbem mais facilmente: a arrogância, a obstinação, o autoconvencimento, a vaidade intelectual”⁷¹.

A epistemologia de Popper impressiona pela atitude democrática que o anima e pela clara rejeição de um saber que se pretenda elitista e dono da verdade. É o irmão gêmeo do seu credo científico que é também uma rejeição da postura autoritária e dogmática de nossas crenças e um apelo à humildade socrática que engaja a todos na busca permanente da verdade⁷². É, sem dúvida, uma teoria

⁷⁰ POPPER, K. Tolerância e responsabilidade intelectual. In: *O realismo e o objetivo da ciência*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987, p.172.

⁷¹ Ibidem, p.172.

⁷² Quem quiser um olhar mais abrangente e mais direto sobre o tema pode encontrá-lo no texto *Como eu vejo a filosofia*. In: *Em busca de um tempo melhor*. Trad. De Teresa Curvelo Lisboa: Fragmentos, 1992, p.171-183. Popper é um firme adversário da teoria que afirma a existência de uma elite intelectual e filosófica. Acredita que poucos filósofos foram realmente grandes e um pequeno número, admiráveis. Todos os homens são filósofos, uns mais outros menos. Mesmo quando não têm consciência de terem problemas

sedutora, no entanto, coerentemente com o que defende, não é a verdade definitiva e inquestionável.

2. Os aspectos problemáticos

Não é o momento de contrapor à epistemologia popperiana a de Kuhn ou de Quine, para que seus limites sejam evidenciados. Seu otimismo no poder da razão argumentativa para falsear logicamente uma teoria e da razão empírico-experimental para refutá-la parece chocar-se com a experiência da prática científica e da própria prática filosófica e psicanalítica.

Popper, de fato, acredita que a racionalidade científica pode e deve ser compreendida dentro de um contexto de justificação (ordem das razões) e não de um contexto de descoberta (ordem dos fatores). O que realmente importa são as razões para aceitar ou recusar uma determinada teoria, razões que são fundamentalmente de natureza lógica (falseabilidade) e de natureza empírica (refutabilidade). O recurso à experiência empírica não é para justificar a verdade dos enunciados científicos expressos habitualmente na forma de universais categóricos. A observação empírica serve apenas para denunciar a eventual falsidade do enunciado universal.

No entanto é questionável se, de fato, o contexto da justificação dá conta da racionalidade científica. Para Kuhn, por exemplo, é impossível compreendê-la sem prestar atenção ao como a ciência foi e é feita historicamente, o que implica ter presentes uma série de fatores menos racionais que vão do psicológico até o institucional, passando pelo

filosóficos, têm, em todo caso, preconceitos filosóficos. É admirador do senso comum, mas com a obrigação de submetê-lo à crítica a fim de aperfeiçoá-lo.

social.

Mas sem recorrer à epistemologia kuhniana, nem ao terrível poder que fatores narcísicos, institucionais e ideológicos exercem na elaboração e na defesa das teorias, inclusive as científicas e as psicanalíticas, utilizarei um 'argumentum ad hominem', relembando o exemplo citado pelo próprio Popper, o de Moisés⁷³.

Ao descer do monte Sinai carrega consigo as tábuas da Lei onde estava gravado, talvez, o principal mandamento da civilização humana: não matarás. No mesmo dia, porém, ao descobrir a idolatria do povo, não hesita em patrocinar a matança de cerca três mil pessoas, em nome de Deus. A teoria racional do 'não matarás', sucumbe diante da 'crença' de poder matar em nome do Deus verdadeiro.

Diante dessa contradição gritante, que parece revelar os crônicos limites da racionalidade humana, só nos resta um otimismo moderado: a esperança de que um dia aprenderemos a matar teorias em vez de pessoas e que uma teoria só se mata, de verdade, com uma teoria melhor.

Conclusão

Partimos de uma interrogação e de uma confrontação. A primeira indagava sobre o eventual caráter metafísico da pesquisa psicanalítica. A segunda apontava para uma resposta à partir do confronto entre a Weltanschauung científica popperiana e a da psicanálise.

Nossa aposta inicial era de que valia a pena retomarmos o diálogo Filosofia-Psicanálise na ótica popperiana. Seu olhar epistemológico sobre esta última

poderia lançar alguma luz sobre os problemas que rondam o mundo das relações entre os dois saberes e no interior de cada um deles. Uma aposta certamente arriscada diante das críticas pesadas que Popper dirige às pretensões científicas dos enunciados psicanalíticos.

Na tentativa de compreender tanto as críticas que dirige à psicanálise quanto sua proposta de resolução de conflitos entre teorias, sejam elas filosóficas e/ou psicanalíticas, sentimos a necessidade de reconstruir seu percurso intelectual.

Vimos como na origem dos dois conceitos básicos de sua epistemologia - falseabilidade e refutabilidade - se encontrava uma problemática básica, a da demarcação das teorias científicas das pseudo-científicas.

Dentro desse referencial teórico e no estado atual das teorias psicanalíticas, Popper não reconhece a psicanálise como um programa de pesquisa científica, porque seus enunciados teóricos não são refutáveis empiricamente. Isto não implica que um dia não possam vir a sê-lo ou que sua metapsicologia esteja destituída de significado. Pelo contrário, é precisamente sua concepção positiva da metafísica que lhe permite valorizar a psicanálise como um programa metafísico de pesquisa.

Todas as teorias, tanto as científicas quanto as metafísicas, são indispensáveis para a resolução de problemas teóricos e práticos, mas não passam de conjecturas e tentativas provisórias de suas resoluções. Isso implica que não existem teorias verdadeiras que do alto de sua verdade possam julgar as outras como falsas. O que de fato existe são conjecturas mais ou menos explicativas e adequadas na resolução de problemas.

Se isso é verdade, as relações 'ad intra et ad extra' dos mundos teóricos da filosofia e da psicanálise

⁷³ POPPER, K. Tolerância e responsabilidade intelectual. O.c., p.172.

podem e devem ser repensadas numa outra perspectiva. Uma visão não elitizada e democrática da filosofia, por exemplo, pode facilitar um verdadeiro diálogo entre filósofos e psicanalistas, ultrapassando os discursos de um saber “sobre” o outro, para um discurso “com” o outro na tentativa de resolução cada vez mais satisfatória de problemas comuns às duas investigações.

Uma visão conjectural da teoria, associada à proposta metodológica popperiana de ciência como desenvolvimento teórico que parte de um problema prático para terminar num outro problema ($P1 \rightarrow TT \rightarrow EE \rightarrow P2$), pode ajudar os psicanalistas a reforçar sua tradição metodológica da primazia da clínica sobre a teoria, a não absolutizar as teorias da escola à qual se filiam, a valorizar as teorias alternativas das demais escolas, a discriminar as que possuem maior poder informativo e a até criar novas e ousadas teorias.

O imperativo ético que deve presidir todas as teorias é a submissão permanente ao teste de falseabilidade lógica, quando fazem parte de um programa metafísico de pesquisa e também de refutabilidade empírica, quando pretendem pertencer a um programa científico de pesquisa.

As propostas epistemológicas popperianas pretendem dar conta da racionalidade científica sempre e em última instância a partir de uma lógica de razões. Tudo indica, porém, que, também no mundo da ciência, uma outra lógica esteja sempre atuando, a dos fatores de natureza psicossocial. Entre eles se encontra um fator determinante tematizado pela psicanálise, o do inconsciente. Talvez isso ajude a compreender uma certa tensão que é possível perceber entre o racionalismo crítico popperiano e a psicanálise.

Num ponto, pelo menos, é possível encontrar um

consenso: não é o homem que deve morrer pelas teorias, mas estas o devem por ele. Aquelas inadequadas que até agora nos ajudaram a explicar, compreender e garantir a sobrevivência dos indivíduos e da espécie devem ceder lugar a outras mais adequadas. O caminho, o ‘método’ indicado por Popper não nos oferece as garantias da verdade, mas pelo menos permite desmascarar as pretensas verdades que provisoriamente orientam nossas vidas.

Referências Bibliográficas

- BIRMAN, J. Psicanálise, uma estilística da existência? In: *Por uma estilística da existência*. S. Paulo: Ed. 34, 1996, p.23-51
- . Sujeito e estilo em psicanálise. In: *Estilo e modernidade em Psicanálise*. S. Paulo: Ed. 34, 1997, p.43-69.
- BISWANGER, L. *Analyse existentielle et psychanalyse freudienne. Discours, parcours et Freud*. Paris: Gallimard, 1970.
- FREUD, S. *História do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro, Imago, . Edição Standard das Obras Completas de Freud.
- FREUD/JUNG. *Correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- HYPOLITE, J. *Ensaio de Psicanálise e Filosofia*. Trad. André Telles, Rio de Janeiro: Timbre Tauros, 1989.
- LOPARIC, Z. Um olhar epistemológico sobre o inconsciente freudiano. In: KNOBLOCH, Felícia (Org.). *O inconsciente: várias leituras*. S. Paulo: Escuta, 1991,

p.45-58.

MEZAN, R. Diálogo com Loparic. In: KNOBLOCH, Felícia (Org.). *O inconsciente: várias leituras*. S. Paulo: Escuta, 1991, p.61-72.

———. Paradigmas e modelos na Psicanálise atual. In: PELLANDA, Nize Maria Campus e PELLANDA, Luiz Ernesto Cabral. *Psicanálise hoje: uma revolução do olhar*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.347-355.

POLITZER, G. *Critique des fondaments de la psychologie, I. La psychologie et la psychanalyse*. Rieder, 1928.

POPPER, Karl R. *Autobiografia intelectual*. Trad. Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. S. Paulo: Cultrix, EDUSP, 1977. Tít. Orig. Unended quest: an intellectual autobiography.

———. *Ciência: conjecturas e refutações*. In: *Conjecturas e refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: UNB, 1996, p.63-88.

———. Un caso de verificacionismo. In: *O realismo e o objetivo da ciência*. Trad. de Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Dom Quixote, 1987, p.181-190.

———. Tolerância e responsabilidade intelectual. In: *Em busca de um mundo melhor*. Trad. Teresa Curvelo. Lisboa: Fragmentos, 1992, p.171-183.

———. Como eu vejo a filosofia. In: *Em busca de um mundo melhor*. O.c., p.157-170.

———. A lógica das ciências sociais. In: *Em busca de um mundo melhor*. O.c., p.71-85.

———. *A lógica da pesquisa científica*. Trad. de

Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. S. Paulo: Cultrix - EDUSP, 1975. Tít. orig. The logic of scientific discovery.

———. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; S. Paulo: EDUSP, 1987. Tít. orig. The Open Society and Its Enemies.

———. *A miséria do historicismo*. Trad. Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. S. Paulo: Cultrix/EDUSP, 1980. Tít. orig. The Poverty of Historicism.

RICOEUR, P. *De l'interprétation: essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SARTRE, J.-P. *La psychanalyse existentielle*. In: *L'Être et le Néant*. Paris: PUF, 1943